

ANÁLISE DAS PROIBIÇÕES, PERMISSÕES E OBRIGAÇÕES NAS BATALHAS EM MANGÁS

Maria Fabiola Vasconcelos Lopes¹

RESUMO: Este artigo objetiva investigar marcadores deônticos no discurso do *mangá*. Para tal fim, os significados deônticos (proibições, permissões e obrigações) ativados pelos personagens no *mangá* são observados. Também, a inclusão ou não inclusão da fonte e o modo são analisados. O enredo envolve um grupo de estudantes forçados a lutar até a morte. Contudo, eles precisam fazer alianças no intuito de sobreviver. Então, os diálogos no contexto escolhido permitem perceber a interação como uma atividade cooperada (HENGEVELD, 1989, p. 229). Autores como Lyons (1977), Bybee, Perkins & Paliuca (1994) e Tomasello (2008) também dão suporte ao estudo. A pesquisa é desenvolvida sob a perspectiva funcionalista e tenta compreender o valor argumentativo por meio dos vários significados da modalidade deôntica. O resultado revela que o comando (25,9%) e a persuasão (46,7%) são destacados, sendo essenciais no discurso no *mangá*. Por fim, o estudo tem apoio da PRAE/UFC.

Palavras-chave: Discurso; Atividade cooperada; Mangá.

ANALYSIS OF PROHIBITIONS, PERMISSIONS AND OBLIGATIONS IN THE BATTLES IN MANGAS.

ABSTRACT: This article aims at investigating deontic markers in the discourse of *manga*. For this, the deontic meanings (prohibitions, permissions, and obligations) activated by the characters in *manga* are observed. Also, the inclusion or non-inclusion of the source and the mood are analyzed. The plot involves a group of students forced to fight to death. However, they need to make links in order to survive. So, the dialogues in the context chosen allow observing the interaction as a cooperative activity (HENGEVELD, 1989 p. 229). Writers such as Lyons (1977), Bybee, Perkins, and Paliuca (1994) and Tomasello (2008) also give support to the study. The research is developed under a Functionalistic perspective and attempts to understand the argumentative value by means of the various meanings of deontic modality. The results reveal that command (25,9%) and persuasion (46,7%) are highlighted, being essential in the discourse in the manga. At last, the study has the support of PRAE/UFC.

Keywords: Discourse; Cooperative activity; Manga.

Introdução

A partir do objetivo principal da língua, que é o de interação social entre os seres humanos (DIK, 1997, p.5), que nos permite reconhecer a interação como atividade cooperada (HENGEVELD, 1989, p. 229), vamos discutir os valores deônticos acionados no discurso dos interlocutores no *mangá*. Centramo-nos em algumas noções sobre o Funcionalismo, cujo entendimento é o de que a língua não pode ser dissociável do contexto (HALLIDAY, 2004).

¹ Doutora em linguística pela UFC, é professora associada da Universidade Federal do Ceará do Depto. de Língua inglesa, suas literaturas e tradução - DELILT e Programa de Pós-Graduação em linguística. É líder do grupo de estudos em modalidade deôntica - GEMD/CNPQ e pós-doutoranda na Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG. A autora atua como membro da Comissão de área de Letras - Português e Inglês - Enade 2014-2016 e, Enade 2017-2019.

A fim de procedermos à investigação, é importante destacar que a abordagem funcionalista vê a língua, primeiramente, como um sistema de comunicação e analisa a gramática no intuito de descobrir como esta se organiza para permitir aos falantes e escritores fazer trocas de significados (LOCK, 1996-1). Como se dão tais trocas é o que nos interessa investigar no *mangá*.

Assim, é importante salientar que, dentre as várias maneiras de entender como ocorrem os propósitos discursivos na atividade interativa entre os interlocutores, estão aquelas que lidam com as relações de sentido. Uma dessas formas seria por meio da análise de materiais linguísticos baseados nos estudos da modalidade.

A modalidade teve sua origem na Grécia antiga com os estudos da lógica cujo foco consistia em analisar o caráter de verdade das proposições. Com o desenvolvimento das pesquisas linguísticas, a modalidade passa a ser estudada no sentido mais subjetivo, sendo as intenções do enunciador pertinentes. Passamos a considerar então, os eixos da conduta e do conhecimento. Diante desse contexto, é preciso definir a modalidade linguística. Assim, “a modalidade linguística é entendida como o modo pelo qual o falante qualifica o enunciado por ele produzido, ou seja, é o julgamento do falante sobre as possibilidades ou obrigações” (PESSOA, 2011, pp. 91-116).

Nosso estudo se volta para a modalidade deontica, que, por sua vez, está associada à necessidade ou possibilidade dos atos realizados por agentes moralmente responsáveis (LYONS, 1997, p. 823). Nesse sentido, o artigo tem como objetivo, discutir o fenômeno da modalidade deontica, a partir do entendimento dos valores como o de proibição, permissão e obrigação, a fim de verificar se a persuasão acontece e, em que grau ocorre, em ambiente de interpretação deontica, em que haja necessidade de sobrevivência, como é o caso do *mangá Battle Royale*. Ou seja, situaremos o estudo no eixo da conduta e do dever. Também, procuramos compreender se, os valores acionados reforçam ou atenuam os elementos persuasivos que se dão como estratégia diante de uma situação de sobrevivência.

E uma vez que estamos lidando com contexto de interpretação deontica, salientamos que, no enredo do *mangá*, diversas batalhas são travadas, o que pode justificar o resultado de um determinado valor em detrimento de outro. Assim, os preceitos funcionalistas que concebem [...] “a estrutura da língua moldada em termos dos usos a que servem na interação verbal” [...], “considerando-se os contextos comunicativos em que elas são (ou foram) utilizadas” (FURTADO DA CUNHA; BISPO e SILVA, 2014, 80-104), é valorizado no estudo”.

Objetivando um melhor entendimento do estudo, o artigo foi organizado de forma a abrigar inicialmente o enredo, na sequência a discussão, seguida de algumas reflexões e, por fim, as considerações finais, à guisa de conclusão.

Do enredo, um grupo de alunos é levado ao confinamento e, a partir daí, começa a batalha pela sobrevivência. Tais alunos foram escolhidos por ordem do governo para passarem alguns dias em uma ilha cuja única regra é: só um deve sobreviver. Dessa forma, o *Battle Royale* envolve um jogo de vida ou morte. Alguém tem que morrer constantemente. A tensão gerada pela situação que se apresenta ao grupo de alunos cria, pois, um ambiente em que ora alguns personagens tomam a posição de líder. Outras vezes, têm que obedecer a comandos impostos pelos colegas. Assim, vê-se que nesse contexto, a modalidade deôntica se mostra uma ferramenta eficiente para o entendimento dos diferentes sentidos construídos dentro do gênero *mangá*.

A fim de compreendermos os variados sentidos veiculados na tensão no *mangá*, faz-se necessário abordarmos conceitos que dialoguem diretamente com o eixo da conduta; com a modalidade deôntica. Destacamos Palmer (2001), que toma como base a Teoria dos atos de fala de Searle. Segundo Palmer, dentre algumas das intenções presentes na fala existe uma que se volta para quando alguém quer que um outro faça algo. Tal intenção é caracterizada pelo autor como diretiva. Por outro lado, quando alguém se compromete a realizar algo, tal intenção é entendida como comissiva.

Assim, considerando as intenções de um falante em relação a um outro e, compreendendo que no cumprimento dos diversos propósitos discursivos, no contrato interativo, o locutor e interlocutor compartilham ações e intenções, (TOMASELLO, 2008, pp. 6-7), os personagens envolvidos no *mangá* podem fazer uso de diversos tipos de marcadores da modalidade deôntica, dentre os quais destacamos os modais (*poder*), expressões (*ter que*), imperativos dentre outros, empreendendo-lhes cargas semânticas dependentes do contexto situacional de uso e/ou da intenção do falante.

No intuito de investigarmos a modalidade deôntica no *mangá*, também é necessário buscar os meios linguísticos pelos quais a modalidade se manifesta. Apontamos os diversos meios: verbos plenos e auxiliares; advérbios; adjetivos em posição predicativa ou substantivos (NEVES, 2006, pp. 167-169).

Para compreender o distanciamento ou não do enunciador em relação ao alvo, a inclusão do enunciador como alvo deôntico é igualmente observada. Assim, tentamos verificar se, ao enunciar, a fonte deôntica (quem instaura o valor) se compromete com o que diz ou, se, tal valor recai somente sobre o alvo. O modo, também é nosso foco, uma vez que a

recorrência do modo pode revelar se o gênero *mangá* reflete mais o modo imperativo ou outro.

Outro aspecto relevante para a composição do retrato da modalidade nas batalhas no *mangá* diz respeito aos graus de persuasão estabelecidos pelas interações entre os interlocutores. Dessa forma, uma análise em termos de graus – forte, médio e fraco – será apresentada na seção 2.5.

Por fim, os graus de persuasão e os aspectos supracitados investigados no estudo nos permitirão o mapeamento dos mecanismos persuasivos ou outros, que se estabelecerão ao longo do *mangá*, e que poderão garantir a sobrevivência.

1. Materiais e métodos

Dos procedimentos metodológicos, deram-se as seguintes etapas: a) leituras dirigidas da literatura e discussões individuais e em grupo; b) seleção do *mangá* e dos excertos; c) análise quanto aos valores; d) categorização da manifestação; e) categorização dos modos; f) inclusão ou não do enunciador como alvo deôntico; g) levantamento dos graus de persuasão; e h) discussão dos resultados.

O *mangá Battle Royale* foi o escolhido, e, como revelado anteriormente, o próprio contexto parecia sinalizar na direção de um uso mais recorrente de imposições, por se tratar de batalha em que um único aluno deve ser o vencedor. Três (3) edições diferentes da estória foram selecionadas para nossa investigação. O estudo envolve uma análise de cunho qualitativo e quantitativo.

2. Modalidade

Inicialmente, pontuaremos algumas características do *Corpus*. Os *mangás* apresentam características, quais sejam: a) encontram-se organizados com imagens dos personagens acompanhados de texto em balões; b) apresentam-se em preto e branco; c) são lidos de trás para frente (Fig.1).

Feita essa breve caracterização, passaremos a discutir a ocorrência da modalidade deôntica nos enunciados do *mangá Battle Royale*. Para tal fim, consideramos diversos meios linguísticos (valores, manifestação, distanciamento ou não) importantes para nos fornecer detalhes. Focalizamos nas ocorrências mais frequentes e concentramos a discussão inicial na instauração de valores.

A discussão se desenrola, a seguir, tomando por base o estudo que trata da modalidade, seus sentidos e aplicações em contextos distintos de uso no ambiente de ensino (LOPES, 2012, pp. 19-176)). Também, no que diz respeito à modalidade que se volta para as condições internas e externas sobre o agente no que diz respeito à realização da ação (orientada para o agente) e, também, que se atrela a condições sobre o agente impostas pelo falante (orientada para o falante), (BYBEE, PERKINS & PALIUCA, 1994). Os autores entendem, sob o leque da primeira, os sentidos de obrigação, habilidade e desejo etc. Já para a segunda, modalidade orientada para o falante, refere-se aos enunciados que impõem algum curso de ação e são incluídos os atos de fala como imperativos (comandos), exortativos (incitando alguém). Consideramos Palmer (1986), que associa a modalidade deôntica aos atos de fala de Searle (SEARLE, 1976, pp. 247-249). Segundo o autor, há cinco categorias dos atos: assertivas, diretivas, comissivas expressivas e declarativas. Por último, compreendemos as sentenças deônticas atrelando-as à noção de obrigação (LYONS, 1977, p. 832) principalmente. Assim, na seção que se segue, passaremos aos valores.

2.1 Valores nas batalhas no mangá

Ao analisar os valores, é importante considerar o contexto da ilocução e, como era esperado por meio de nossa hipótese, em um contexto em que os personagens encontram-se em constante tensão, a ordem foi mais recorrente perfazendo 25,9%. Em 1, vemos ilustrado o seguinte:

1. Meninas! **Se comportem!** Esqueceram que o Nanahara está todo machucado lá em cima?!

(TAKAMI e TAGUCHI, v. 9, p. 140).

Observamos, a partir de Lopes (2012), que ao usar o reflexivo se + o imperativo do verbo comportar, faz ecoar que, quem fala ordena. Nesse caso, trata-se de uma ordem para que as garotas que não estão quietas, assim se mantenham, pois há uma pessoa ferida na casa. Tem caráter impositivo, onde é esperado que o ouvinte – ou seja, as meninas – realize o que se diz.

Ocupam a segunda posição os valores de súplica (10,1%) e exortação (10,1%). Em 2, destacamos a súplica. Essa categorização foi realizada levando em consideração o viés semântico quando entendemos que a súplica é mais forte que um pedido, já que a súplica compreende implorar por algo. Assim, entendemos que no caso de pedir desculpas, o

enunciador se põe em uma posição de vulnerabilidade e depende da atitude do ouvinte para aceitação das desculpas. A súplica é reforçada nesse contexto, quando o personagem assume a culpa de algo realizado, pedindo de antemão as desculpas a quem se dirige.

2. Me desculpa. É tudo culpa minha...

(TAKAMI e TAGUCHI, v. 4, p. 101).

No caso exortativo exemplificado em 3, o que ocorre é um encorajamento do enunciador para que determinada ação se cumpra. Para tanto, o enunciador se inclui na ação usando o verbo ir na 1ª pessoa do plural “vamos”. É o que ocorre em “vamos voltar”, pois há uma ideia de realizar essa ação em conjunto. Nesse caso, corroboramos com Bybee, Perkins e Paliuca (1994), que contemplam a modalidade do tipo orientada para o falante, abarcando o tipo exortativo, em que o falante está encorajando alguém a agir. Assim, o exortativo exerce a função de estimular o outro na realização de alguma tarefa. Contudo, o enunciador se inclui como alvo deôntico. Portanto, ambos irão aonde “Kadawa” se encontra.

3. Vamos voltar aonde o Kadawa está! Vamos achá-lo!! Ele é gente boa!! É só conversar que ele vai nos aceitar de volta!! Vamos nessa!!

(TAKAMI e TAGUCHI, v. 4, p. 125).

A necessidade (9,1%) aparece na terceira posição no estudo, seguida da permissão (8,5%), essa última, ilustrada no exemplo 6. Em 4, a necessidade é apresentada por meio do verbo precisar + pensar, sendo “pensar” algo fundamental naquele momento, tanto o é que o personagem ordena ao interlocutor que fique onde está e continue vigiando. Nesse caso, a necessidade condiz com uma obrigação. Assim, “fica” e “continua” compreendem ordem; reforçam a necessidade de pensar.

4. Preciso pensar! Yutaka, você fica aí e continua vigiando!

(TAKAMI e TAGUCHI, v. 4, p. 184).

2.2 Manifestação da modalidade nas batalhas

Quanto à manifestação, os verbos (95,9%) se destacam, sendo que, liderando a categoria, aparecem os verbos de significação plena (64,7%). O exemplo 5, por meio do verbo “olhar” no imperativo, chama a atenção do ouvinte. O verbo pleno em si é capaz de modalizar

a proposição imprimindo uma espécie de ordem. “Olha”, é reforçado pela marca de asseveração “só”, que contribui para a obrigação instaurada.

5. ... olha só... tenho certeza de que o governo... pôs uma escuta em cada um de nós!!

(TAKAMI e TAGUCHI, v. 4, p. 185).

Já o exemplo 6 reflete a presença dos auxiliares que perfazem 31,2%. Ao analisar o excerto, constatamos que o uso do advérbio “não + poder” modaliza o verbo principal “gritar”. Assim, o falante se proíbe de tomar uma atitude que chame atenção do outro personagem e de quem ele está se escondendo.

6. Não posso gritar!! Ele vai saber onde estou!!

(TAKAMI e TAGUCHI, v. 7, p. 123).

Tal qual destaca Palmer (1986, 90-91), o “poder + não” equivale a “dever + não”, o que reforça o sentido de obrigação. Já segundo Lyons (1977, p. 832), a noção de obrigação encontra apoio no esquema da polaridade, sendo, por exemplo, a não obrigação, relacionada à permissão de não fazer e a obrigação, atrelada à não permissão de não fazer algo. Assim, o marcador “não”, assevera a negação da obrigação, não sendo permitido ao personagem gritar. Se o fizer, será logo localizado. Podemos concluir, pois, que o auxiliar modal na negativa manifesta a proibição. Portanto, o falante é obrigado a não gritar para não ser encontrado, ou a ele, não é permitido gritar. Observemos a Figura 1.

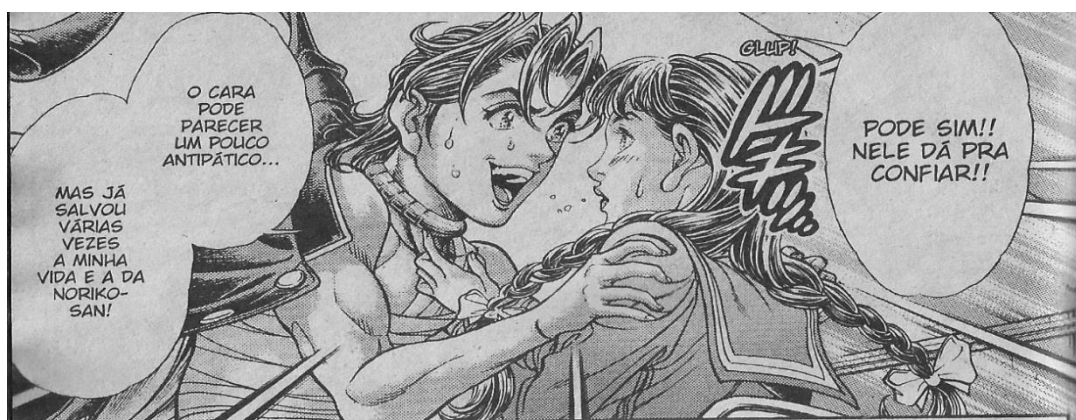


Figura 1 – Valor de permissão no mangá.
Fonte: TAKAMI e TAGUCHI, v. 9, p. 125, 2007.

As expressões perifrásticas assumem o terceiro lugar. É o que temos na Figura 1, envolvendo a permissão e o verbo pleno “poder”. Nessa instância de nossa investigação, ocorre o uso da expressão perifrástica formada pelo verbo “dar” na terceira pessoa do singular + preposição “pra” + verbo “confiar” no infinitivo. E, ainda seguindo o esquema de Lyons para a noção de obrigação como explicitado na análise do caso 6, o emprego do mesmo valor, na sequência, reforça a ideia da permissão de fazer algo; ou seja, nele, é permitido confiar. Portanto, pode sim, confiar.

2.3 Modo

Como mencionado antes, levamos em conta o modo verbal. E uma vez que, os verbos foram os maiores responsáveis pela manifestação da modalidade nos *mangás*, acreditamos que essa análise se apresenta de maneira pertinente. A partir da nossa investigação, vimos que o imperativo se sobressai, seguido do indicativo e do infinitivo, com 65,1%, 29,6% e 5% respectivamente.

No exemplo 7, ocorre uma imposição de ordem do falante. O enunciador exige que seu ouvinte vá embora, o que é reforçado com a frase seguinte: “e nunca mais aparecer”. Com o auxílio do advérbio de negação “nunca”, a imagem da imposição é construída impondo ou coagindo o outro personagem para que não apareça nunca mais. O uso impositivo por meio do imperativo “trate”, é um dos meios utilizados para atingir eficiência da ordem dada.

7. Trate de sumir da minha frente e nunca mais aparecer!!

(TAKAMI e TAGUCHI, v. 4, p. 34).

Em 8, estamos diante do indicativo e da forma “podemos”. Por meio do verbo “poder”, conjugado na primeira pessoa do plural, a fonte deôntica, de onde emana o valor, instaura uma permissão. Assim, a partir de agora, os personagens encontram-se livres para relaxar. “Nesse caso, é possível notar que o verbo auxiliar usado para modalizar a proposição se encontra no indicativo, sendo uma escolha do falante, que poderia ter optado por usar o imperativo na oração e apenas ordenar “relaxem”.

8. Agora já podemos relaxar...

(TAKAMI e TAGUCHI, v. 4, p. 116).

Por fim, o infinitivo é trabalhado em 9. Neste excerto, há uma permissão expressa pelo verbo “começar”, ou seja; quem profere a fala, indica que o primeiro *round* deve ter início. É o mesmo que dizer “comece”, marcando a obrigação.

9. Primeiro round, começar!

(TAKAMI e TAGUCHI, v. 7, p. 21).

2.4 Inclusão ou não do enunciador como alvo deôntico

Neste tópico indagamos se o enunciador, ao acionar um valor deôntico, toma para si a responsabilidade para com a execução de determinada ação ou impõe essa atitude apenas aos outros, se distanciando. Dos resultados, encontramos que a recorrência da não inclusão do enunciador foi maior com 68,1%, *versus* 31,9% da inclusão.

O mais frequente é o que vemos em 10, em que o personagem não se inclui na realização do valor expresso. Dessa forma, quando o falante diz para alguém que lhe empreste o agasalho, em “me empreste”, quem atende ao comando não é o falante. Da mesma maneira, também fica claro que há uma personagem que necessita se agasalhar por meio de “precisar ficar”.

10. Me empresta o seu agasalho também! Ela **precisa ficar** aquecida!

(TAKAMI e TAGUCHI, v. 4, p. 88).

Já no caso da inclusão, encontramos duas situações ilustradas em 11 e na Figura 2. No primeiro caso, notamos que o alvo do valor deôntico é imposto ao próprio falante. Ao empregar “preciso dar”, o enunciador envolve a si mesmo na ideia de necessidade de sanar o problema que ele está enfrentando.

11. Preciso dar um jeito nisso agora...

(TAKAMI e TAGUCHI, v. 4, p. 136).

A Figura 2, por sua vez, mostra a inclusão do enunciador como alvo, porém, com o valor exortativo. O enunciador também participa como alvo deôntico; ou seja, se predispõe a fazer algo em conjunto. Trata-se de um encorajamento. Nesse caso em particular, o

personagem deseja que seu amigo ponha a bola de basquete na cesta, quando diz: “vamos lá enfiar a nossa enterrada!”



Figura 2 – Inclusão do enunciador como alvo deôntico.
Fonte: TAKAMI e TAGUCHI, v. 7, p. 66, 2007.

2.5 Persuasão nas batalhas

Como tem sido observado nas interações dos personagens e, tendo em vista o contexto de tensão por eles vivenciado, é notória a gama de ordens empregadas e, conseqüentemente, o estudo aponta para uma predominância do grau forte (46,7%), nas tentativas de persuadir um personagem a ter uma certa conduta, quando a situação é de caráter de sobrevivência. Lembramos aqui que os interlocutores disputam, entre si, sair vivo da situação. E, apenas um personagem poderá ter êxito. Portanto, até quando tais personagens se juntam, estes, se juntam na tentativa de convencer o outro a mantê-los vivos até a etapa final. Destacamos, dentro do grau forte, os valores de ordem, proibição, súplica e obrigação.

O grau normal se apresenta com 35,1% e o grau fraco com 18,2%. O grau normal, por sua vez, contempla os valores de permissão, volição, não volição, necessidade, não necessidade e exortação no *mangá*. Já o grau fraco, refere-se mais aos valores de habilidade, não habilidade, conselho, advertência, pedido, sugestão, escolha e intenção.

Assim, quando o personagem emprega, em seu discurso, uma não proibição, por exemplo, ele quer persuadir o interlocutor a não fazer algo, como se destaca no excerto em “não deixe escapar”, na Tabela 1. Ao interlocutor não é permitido deixar escapar nenhum *bug*. Dessa forma, entendemos o emprego do valor da proibição ou da não permissão como forte. Tal situação é diferente do que ilustramos por meio de “eu consigo atirar melhor”, que revela, a capacidade que o personagem tem de fazer algo. E, por fazer algo melhor, ele vai

persuadindo o outro, convencendo-o de que ele é melhor para aquela situação crítica de sobrevivência.

O que asseveramos é ilustrado na Tabela 1, a seguir:

Grau de persuasão	Valor deôntico	Exemplo	Percentual
Forte	Ordem	Agora se deita um pouco (p. 88).	46,7%
	Proibição	Não deixe escapar nenhum <i>bug</i> , por menor que seja!! (p. 66).	
	Súplica	E... Espera! Tô com medo de ficar sozinho!! (p. 33).	
	Obrigação	Fica frio, Yutaka. Só atirei pra assustar...! (p. 105).	
Normal	Permissão	Durma por uma hora. Eu fico de vigia... (p. 76).	35,1%
	Volição	“Todo mundo quer sair vivo dessa”, você disse!! (p. 47).	
	Não volição	“ não quero me prender a ninguém”... (p. 168).	
	Necessidade	Ao encontrar gente que está disposta a matar... sei que preciso revidar sem hesitar! (p. 89).	
	Não necessidade	Por enquanto, a gente não precisa sair daqui. (p. 81).	
	Exortação	Vamos procurá-los juntos! (p. 102).	
Fraco	Habilidade	Se chegar mais perto... eu consigo atirar melhor. (p. 150).	18,2%
	Não habilidade	Se você tentar se manter fiel às convicções nesse país... não vai conseguir sobreviver nem por um segundo. (p. 181).	
	Conselho	Sempre mantenha a calma. (p. 61).	
	Advertência	Tome bastante cuidado com ele... (p. 204).	
	Pedido	Por favor... dê isso a ele... (p. 205).	
	Sugestão	Quer vir comigo... Haruka? (p. 116).	
	Escolha	Eu prefiro esperar a ambulância. (p. 114).	
	Intenção	Pretendo deixar a empresa para o meu filho mais velho, Tadanori, comandar. (p. 33).	

Tabela 1. Graus de persuasão a partir dos valores deônticos em *Battle Royale*.
Fonte: Elaborado pela autora.

Considerações finais

Concluimos que a modalidade é um meio importante no cumprimento dos diversos propósitos discursivos. É a partir dos significados que permeiam os diálogos que o leitor consegue entender as relações de sentido, apoiado nos recursos que a língua oferece. Ademais, destacamos o contexto, haja vista que uma mesma ilocução pode apresentar significados variados.

A partir da modalidade deontica, é possível compreender que, embora existam os polos de permissão, proibição e obrigação, é na situação de fala que a língua é analisada. Vários tipos de valores deonticos podem ser empregados, e cabe ao leitor entender o fenômeno linguístico como um jogo de poder. Em se tratando da ordem, por exemplo, é esperado que o ouvinte realize o que é pedido. Diferente do pedido, o enunciador solicita, mas, não é tão impositivo. Já na súplica, o falante dá ao ouvinte o poder de decisão sobre o que é pedido.

Vimos, pela manifestação, os verbos plenos em maior índice, revelando que a modalidade não se restringe aos verbos auxiliares exclusivamente. Também, percebemos que, quanto aos modos verbais, a modalidade que influencia a conduta não se limita apenas ao modo imperativo. Também, o enunciador se manteve distante da responsabilidade de executar o valor expresso nas suas enunciações em grande parte nos diálogos, sendo o alvo mais frequentemente o ouvinte.

Também, vimos que, de fato, os valores deonticos acabam por reforçar a persuasão que se impõe por precisarem sobreviver. Os excertos arrolados na Tabela 1 refletem que há estratégias envolvidas, a fim de que os personagens se mantenham vivos. Por vezes, é preciso se deitar, ficar frio, atirar. Outras vezes, é necessário descansar, dormir. Mas, às vezes, agir conjuntamente no ambiente de batalha se faz mais necessário. E assim, os personagens vão construindo os elos persuasivos na tentativa de obter êxito; ou seja, de acordo com suas intenções.

Dessa forma, considerando as intencionalidades do falante, os personagens fizeram uso de modalizadores deonticos no contrato interativo, exprimindo juízos de valor através dos quais o locutor procura agir sobre o seu interlocutor impondo, proibindo ou autorizando a realização de algo.

REFERÊNCIAS

BYBEE, J.; PERKINS, R., PAGLIUCA, W. Mood and modality. In: *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press, cap.6, 1994.

DIK, S. *The theory of functional Grammar*.v1, Ed. By Hengeveld (Kees). Mouton de Gruyter. Berlin, New York, 1997.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B., SILVA, J. R. *Linguística funcional centrada no uso e ensino do português*. Gragoatá. Niterói, 2014.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 2004.

HENGEVELD, K. *Layers and operators in functional grammar*. *J Linguistics*, 1989.

LOCK, Graham. *Functional English Grammar: An Introduction for Second Language Teachers*. Cambridge: CUP, 1996

LOPES, M. F. V. *Gramática de significados*. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

LYONS, J. *Semantics*. New York: Cambridge University Press, 1977.

NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

PALMER, F. R. *Mood and modality*. London: Cambridge University Press, 1986.

_____ *Mood and modality*. 2. ed. London: Cambridge University Press, 2001.

PESSOA, N. P. *Modalidade deôntica e discurso publicitário: a construção da persuasão*. In: NOGUEIRA, M. T.; LOPES, M. F. V. (Org.). *Modo e modalidade: gramática discurso e interação*. Fortaleza: Edições UFC, 2011, pp. 91-116.

TAKAMI, K.; TAGUCHI, M. *Battle royale*. V. 4. São Paulo: Conrad editora, 2007.

_____ *Battle royale*. V. 7. São Paulo: Conrad editora, 2007.

_____ *Battle royale*. V. 9. São Paulo: Conrad editora, 2007.

TOMASELLO, Michael. *Origins of human communication*. Cambridge MA: MIT Press, 2008.

Enviado em: 20/11/2018

Aceito em: 19/02/2019